O SIGNIFICADO DO NOME CEARÁ

Eduardo Tourinho

Entre as Capitanias criadas por D. João III em 1534, a do Ceará — nas suas quarenta léguas de extensão — estendia-se do rio da Cruz (Camocim) até Angra dos Negros, Jaguaribe.

Quando do Descobrimento, era o território ocupado na maior parte pelos Cariris — que povoavam sertões e serras — e, no litoral, pelos Tupis.

As duas nações se fracionavam em sessenta tribos. Viviam a época da pedra polida e guerreavam-se incessantemente. Eram astuciosos e ferozes.

Na primitiva indústria que possuiam, fabricavam machados de pedra e pequenas obras feitas de cipó. Viam nos trovões, Tupã — um deus encolerizado — e tinham o sol e a lua como gênese dos animais e das plantas.

Lutando contra os invasores, dificultaram, por longo tempo, a abertura de estradas para o sertão e a criação de fazendas, povoados e vilas.

Na impossibilidade de o donatário Antônio Cardoso de Barros colonizar a terra, passaram os franceses a escambar os produtos com os íncolas que habitavam a região de Ibiapaba.

Assim, a Capitania permaneceu abandonada até 1603. Foi quando o açoriano Pêro Coelho de Sousa tentou conquistá-la durante a administração de Diogo Botelho, oitavo Governador do Brasil, sob o reinado de Felipe III.

Ao flagelo da sêca e banido pela fome, vê-se obrigado a retirar e na marcha heróica perde um filho e quase milagrosamente alcança o Rio Grande do Norte.

De 1607 data a malograda tentativa dos jesuítas Luís Figueira e Francisco Pinto. Alcançaram a Serra de Ibiapaba e após quatro meses

de permanência foram de regresso ao Maranhão — a 11 de janeiro de 1608 atacados pelos terríveis Tocarijus que sacrificaram o padre Francisco Pinto.

Seu companheiro Luiz Figueira conseguiu chegar ao Rio Grande do Norte.

Dessa forma, a conquista da terra cearense teve verdadeira- penetrou e destruiu alguns dos documentos. Agora, um técnico desig- res Moreno em 1611 ou no início do ano seguinte, erguer um forte que deu origem ao nome da capital: Fortaleza.

— • —

Até hoje, porém, ainda se investiga e discute o significado do nome Ceará. Era, antigamente, Syará ou Siará. Muitos historiadores do hoje Estado e muitos estudiosos das coisas relacionadas com a formação do Brasil têm perquirido a etimologia do vocábulo.

Na *Corografia Brasílica*, Ayres de Casal definiu-o como *canto de papagaios pequenos*, numa derivação do tupi. O mesmo repetiu José de Alencar. Para Teodoro Sampaio, é *fala ou canto de papagaios*. Acha que Alencar adotou livremente *canto de jandaias* e esclarece ser o nome de procedência obscura.

Para João Mendes Júnior, derivaria de *enfermidades da quentura*. Admite o historiador cearense Antônio Bezerra vir a palavra de Saara — o deserto africano — adaptada ante as dunas que oriam a praia, pelos primeiros Governadores. Mais tarde, opinou como tendo origem em Siará, aldeia índia do então rio Pirangi, chamado depois Siará. E também admitiu provir do *Côo* ou *Sôo* — caça e *ará*, papagaios.

Capistrano de Abreu achava ser uma voz cariri. Acrescentava pensar que *Siará* era o nome de um rio e fundada uma fortaleza às suas margens, com o tempo se foi estendendo às Capitanias. Elucida o mesmo ter ocorrido quanto a Pernambuco e Alagoas. Lembra que os indígenas não tinham maneira de designar vastas extensões territoriais.

Assim, qualquer ponto onde os portuguêses primeiramente se estabeleciam, dava nome à Capitania.

Tomaz Pompeu Sobrinho se manifesta contràriamente. Acha que o nome não deve provir do cariri — *dzu* e *erá* — que não significariam mar verde ou água verde, e, sim, casa da água — o que não formaria sentido, embora os portuguêses tornassem o *ã* em *á*.

Para Paulino Nogueira, Ceará é palavra tupi, composta de dois vocábulos: *Côo* ou *Sôo* (caça) e *ará* (tempo), significando verdadeiro tempo de caça. Um demonstrativo vê na primitiva grafia Siará. Dêsse parecer é, também, João Brígido. Mas acha que seria *Ciri-ará*: — do *siri* (correndo para trás), *cará*, significando branco, alvacento.

Para Cândido Mendes, provém de Ciará-Mirim — corruptela de *ciri-apuá* — e depois, por contração, Siriá, Ciriá ou Ceará; um pequeno caranguejo redondo muito abundante, outrora, na região. Nos *Estudos da História do Ceará*, Joaquim Catunda aceita a explicação. Nega-a, porém, Paulino Nogueira.

— * —

Analisando a palavra na *Revista do Instituto do Ceará*, escreve Tomaz Pompeu Sobrinho: — Com a grafia atual, a interpretação de Teodoro Sampaio é justa, mas oferece também outras interpretações, inclusive a de Ciará, que significaria aqui está balizado.

Mais tarde, opinou no sentido de que a palavra teria origem tarairiú: — uma raça tida como cariri, que habitara o Ceará e o Rio Grande do Norte, de onde teria trazido a palavra à vista, do rio Ceará-Mirim.

O filólogo Martinz de Aguiar acha satisfatório o *canto da jandaia*, de Alencar. Para o Barão de Studart, no entanto, o nome provém do outro Ceará — no Rio Grande do Norte — de onde tinham vindo os potiguares, companheiros de Pêro Coelho. Comentando, depois, a *Carta do Nordeste do Brasil* — do holandês Killan de Rosenlaer, 1628 — transcreve: *Siará, riviére pour yachts, bonne eau, grande place trés peuples*. Diferenciava, assim, do Rio Grande do Norte. Foi chamado o rio Ceará-Grande e, com o tempo, o mesmo aconteceu a todo território. O outro rio — embora maior — foi chamado Ceará-Mirim.

Num fundamentado estudo escrito sôbre o assunto, Raimundo Girão conclui — após haver examinado tôdas as definições conhecidas — que a denominação Ceará ainda constitui um desafio aos etimologistas.

Salientando a variedade das interpretações existentes, afirma que os estudos a êsse respeito ainda estão cercados de incertezas científicas. Salienta as dificuldades oriundas de linguajar índio que de longa data se alteraram. Da mesma forma, se contraíram e se confundiram e se modificaram seus elementos componentes.

(*Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 25-10-64).